

Nova Iorque inveja Ceilândia

Álvaro Pereira Iaccino *

Em 1992, a cidade de Nova Iorque, coração dos Estados Unidos, ganhou a triste marca de cidade mais violenta e criminosa do mundo. Os números denunciavam 150 assassinatos por grupo de 100 mil habitantes, e contabilizavam, na cidade, a maior reunião de territórios delimitados por chefes de quadrilhas. Prostituição, roubo de carros, drogas e jogo ilegal também assustavam as autoridades locais e ameaçavam o turismo na Big Apple, sonho de consumo de dez entre dez pessoas.

Em 1998 - passados seis anos - Nova Iorque dá adeus aos tempos ruins. Há poucos meses, a cidade foi eleita pelos americanos como a preferida no território de Bill Clinton. Perguntados para onde se mudariam, se tivessem condições básicas, a maioria dos americanos não hesitou na resposta: "Nova Iorque". A era das vacas gordas não chega por acaso. Hoje a Big Apple oferece excelente qualidade de vida. A

violência atinge níveis aceitáveis: vinte e nove homicídios/ano, por grupo de 100 mil habitantes.

Qual foi a mágica? Não houve magia. O prefeito de Nova Iorque, conhecido por não acreditar em Papai Noel ou em campanhas baseadas em solenidades, arregaçou as mangas: aumentou o efetivo das ruas, retirando policiais de cargos burocráticos. Equipou a força e investiu no policiamento preventivo e profilático. Começou por combater microcrimes, pequenos roubos, confusão em botequins, delinquência juvenil, violência estudantil, roubos de carros e situação dos meninos de rua.

Sem a menor pretensão de se comparar a mais movimen-



Não basta, para uma discussão séria sobre violência, contabilizar crimes, é preciso entender os limites de cada lugar

tada metrópole do mundo, Ceilândia precisa rever seus próprios números para descobrir, vez por todas, qual a posição que ocupa no ranking mundial, e nacional, da violência urbana. Em 1995, a cidade registrou 28,5 homicídios por grupo de 100 mil habitantes. Jamais teve problemas relacionados a territórios delimitados por quadrilhas. Tentando evitar o inevitável, Ceilândia necessita a comparação: ao lado daquela Nova Iorque de seis anos atrás, a cidade é um mar de calma.

Não basta, para uma discussão séria sobre violência, contabilizar crimes. É preciso entender as limitações de cada lugar. Em Ceilândia, a população conta, apenas, com

pouco mais de 100 homens responsáveis pelo policiamento diário. A cidade, no entanto, abriga mais de 400 mil habitantes. A exemplo de Nova Iorque, Ceilândia tem de reduzir sua violência. Mas antes, precisa combater a discriminação dos governantes que resistem em conceder melhorias para a região, abandonada desde sua criação, e deixada nas mãos de burocratas que não atendem a ordem de seus superiores.

Os números não mentem: dos 15 mil policiais militares, somente 455 homens são designados para trabalhar na cidade, atuando em diversos departamentos da PM. Isto significa cerca de 3% do total do efetivo. E ainda assim, a população de Ceilândia luta, heroicamente, para conquistar a paz urbana. Não se dobra aos governos ou à imprensa. Continua, independente das campanhas negativas, mais tranquila que Nova Iorque. E também privada de um político de primeira linha. Ah, se pudéssemos importar políticos...

* Presidente da Associação Comercial e Industrial de Ceilândia